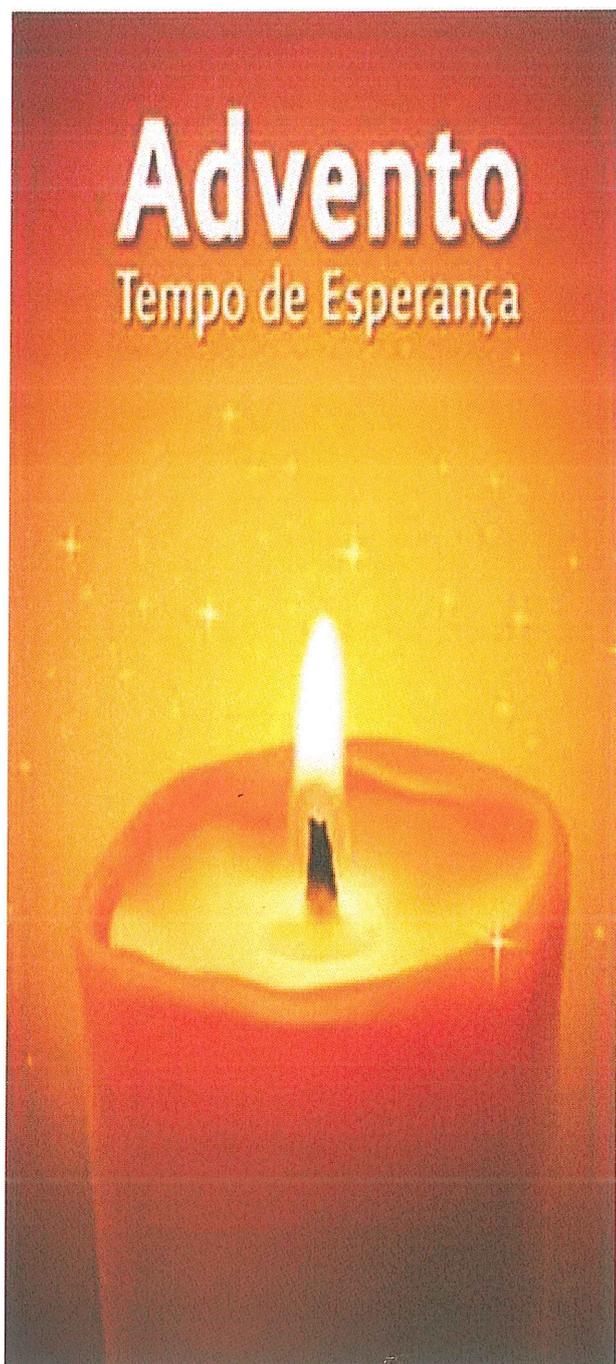


COMUNIDADE EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Raínho, O. Carm. Ano XVI - III Série N.º 149 - Dezembro 2013



A nossa Salvação descansa numa Vinda. Aquele que vem, não O foram capazes de inventar nem produzir os próprios homens, veio a eles a partir da liberdade de Deus.

O verdadeiro Redentor, Aquele a Quem esperamos, é fruto da liberdade de Deus: aparece numa pequena nação, numa época em que ninguém poderia dizer que aquele seria o local mais indicado e numa figura diante da qual nos invade o assombro: o porquê de ter sido esta a 'figura' escolhida?

A opção pela fé consiste na verdade em prescindir do que é correcto e lógico e receber O que vem da liberdade de Deus: "Bendito O que vem em nome do Senhor".

Este é o início da Boa Nova, da Boa Notícia. Já estamos no caminho da esperança.

É isto que nos diz o Advento. Todos os anos convida-nos a considerar o prodígio desta Vinda. Mas recorda-nos também que o seu sentido só pode adquirir a sua plenitude se o Redentor não vier apenas para a humanidade no seu conjunto, mas também para cada um de nós em particular: nas suas alegrias e tristezas, nas suas convicções, perplexidades e tentações, em tudo o que constitui o seu ser e a sua vida.

Descobrir a partir do mais profundo das nossas consciências que Cristo é o meu Salvador e vem à minha vida, é pôr-se em caminho de Advento. O autêntico Advento provém do interior. Do interior do coração crente do homem e, sobretudo, da profundidade do amor de Deus. Devemos preparar o caminho para o Seu Amor e descobrir novas formas que nos coloquem numa disposição para acolher "o Salvador de Deus". De novo voltará a ter actualidade e sentido este belo desejo e oração: "Vem, Senhor Jesus".

OS DESAFIOS PASTORAIS DA FAMÍLIA NO CONTEXTO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

O Papa Francisco proclamou a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, que terá lugar no Vaticano de 5 a 19 de Outubro de 2014 sobre o tema: «Os desafios pastorais da família no contexto da nova evangelização».

O Vaticano entretanto publicou um documento destacando as problemáticas “inéditas” sobre a família e o casamento que a Igreja tem de enfrentar.

O texto preparatório adianta que o Sínodo dos Bispos sobre a família vai ter duas etapas: a primeira, a Assembleia Geral Extraordinária de 2014, destinada a especificar o ‘status quaestionis’ (o estado da questão); a segunda, a Assembleia Geral Ordinária de 2015, em ordem a procurar linhas de ação para a pastoral da pessoa e da família.

“Hoje perfilam-se problemáticas até há poucos anos inéditas, desde a difusão dos casais de facto, que não acedem ao matrimónio e às vezes excluem esta própria ideia, até às uniões entre pessoas do mesmo sexo, às quais não raramente é permitida a adoção de filhos”, destaca o texto.

O documento preparatório refere que muitos adolescentes e jovens, “nascidos de matrimónios irregulares”, poderão “nunca ver os seus pais aproximarem-se dos sacramentos”, para justificar a urgência dos “desafios apresentados à evangelização pela situação atual”.

“Na época em que vivemos, a evidente crise social e espiritual torna-se um desafio pastoral, que interpela a missão evangelizadora da Igreja para a família, núcleo vital da sociedade e da comunidade eclesial”, destaca o texto.

No documento sublinham-se os ensinamentos da Igreja Católica sobre o matrimónio como “vínculo

sacramental indissolúvel” ligado ao “amor entre o homem e a mulher”, que “dura para sempre”, e à “procriação”.

O texto é acompanhado por um questionário com 38 perguntas que “permitem às Igrejas particulares” participar “ativamente” na preparação do Sínodo Extraordinário.

A Santa Sé pede que sejam identificadas as realidades “culturais que impedem a plena aceitação do ensinamento da Igreja sobre a família e a contraceção, questionando ainda a melhor forma de “promover uma mentalidade mais aberta à natalidade”.

O elenco alude a “situações matrimoniais difíceis”, como a convivência ‘ad experimentum’ (experimental), as “uniões livres de facto”, os “separados e os divorciados recasados”, para perguntar “como vivem os batizados a sua irregularidade”. “Sentem-se marginalizados e vivem com sofrimento a impossibilidade de receber os sacramentos?”, pode ler-se.

O inquérito questiona ainda se a simplificação do processo de reconhecimento da “nulidade do vínculo matrimonial” poderia oferecer uma “contribuição positiva real para a solução das problemáticas das pessoas interessadas”.

Outras questões abordam o tema das “uniões de pessoas do mesmo sexo” e da “educação dos filhos no contexto das situações de matrimónios irregulares”.

O Sínodo dos Bispos pode ser definido, em termos gerais, como uma assembleia consultiva de representantes dos episcopados católicos de todo o mundo, a que se juntam peritos e outros convidados, com a tarefa ajudar o Papa no governo da Igreja.

Para preparar esta Assembleia, **o Papa convida todos os cristãos a responder ao inquérito sobre a realidade familiar.**

Na nossa Paróquia faremos em grupo a reflexão e responderemos ao Questionário no Conselho Pastoral bem como nos grupos da Pastoral Familiar, nomeadamente no Centro de Preparação para o Baptismo e Centro de Preparação para o Matrimónio.

No entanto todos individualmente podem e devem responder ao Questionário indo ao site da Pastoral Familiar do Patriarcado de Lisboa.

Para preencher o questionário basta aceder ao seguinte link: <http://familia.patriarcado-lisboa.pt/sinodofamilia>



<http://familia.patriarcado-lisboa.pt/sinodofamilia>

Responda até 8 de Dezembro

UMA MENSAGEM E UMA CARTA PASTORAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

«**A propósito da *ideologia do género***» é o título de uma Carta Pastoral aprovada pela Assembleia Plenária Bispos Portugueses reunida em Fátima entre 11 e 14 de Novembro.

Aqui se aborda o tema atual da ideologia do género, que pretende provocar uma revolução antropológica, secundarizando a identidade sexual como condição natural e biológica que nos faz ser mulheres ou homens, dando a primazia à construção de uma identidade, que cada um cria para si mesmo, independentemente do sexo com que nasceu e cresceu. Assim ficaria aberta a porta para a legitimação das uniões homossexuais e para o aparecimento de diversas alternativas à família de sempre, já não constituída por uma mãe, um pai e filhos, com raízes na sexualidade, matriz da nossa identidade.

São estes os principais campos em que se tem feito notar a ideologia do género, provocando uma rutura civilizacional:

- promoção de alternativas à linguagem comum: em vez de *sexo* (algo de básico, identificador da pessoa) fala-se em *género* (construção cultural e psicológica de uma identidade); em vez de igualdade entre *homem e mulher*, referem a igualdade de *género*; a *família* é substituída por *famílias*;

- redefinição do casamento, podendo ser entre pessoas do mesmo sexo, com a respetiva legalização da adoção de filhos por casais homossexuais e o recurso de pessoas sós à procriação artificial;

- doutrinação da *ideologia do género* através do ensino. Importa ter presente o primado do direito dos pais e mães quanto à educação dos seus filhos, que não pertence ao Estado, como recorda a Constituição Portuguesa: «O Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas» (art. 43º, n. 2).

É recordado que as alterações legislativas introduzidas no nosso sistema jurídico, reflexo da *ideologia do género*, não são irreversíveis.

Todo o documento é uma afirmação de princípios sobre a verdade do amor humano. Alertando para os perigos da ideologia do género e inspirada pela visão cristã da sexualidade, esta carta pastoral recorda princípios baseados no realismo inalienável da nossa matriz antropológica, como homens e mulheres.

A Assembleia aprovou uma **Mensagem** sobre os «**Desafios éticos do trabalho humano**».

Um dos mais graves problemas da atual crise por que passa o nosso País diz respeito ao mundo do trabalho. Trabalho que, sendo um dever, é também um direito a ser exercido em condições dignas da pessoa humana.

“Queremos manifestar a nossa profunda solidariedade e proximidade com os que não encontram trabalho e vivem situações de angústia”, assinalam.

A mensagem apresenta esta questão como “um dos mais graves problemas da atual crise” no país, falando no trabalho como um dever e também como “um direito a ser exercido em condições dignas da pessoa”.

“Entre as situações mais graves estão os que, não tendo trabalho, se encontram sem acesso a qualquer forma de subsídio, correndo os riscos da luta pela subsistência”, assinala a CEP.

A Conferência Episcopal apela à “criatividade” para que se implementem “políticas favoráveis a um modelo de crescimento económico criador de emprego”.

A mensagem fala também do trabalho precário ou “mal remunerado”, bem como dos que têm de suportar “cargas suplementares de esforço na procura da sobrevivência das suas empresas”.

Segundo os bispos, neste momento “sobressai a elevada taxa de desemprego dos jovens, muitos dos quais escolheram a emigração como forma de obterem o que não encontram”.

“Também muitas pessoas de meia-idade vivem situações complicadas de adaptação laboral num período repleto de encargos económicos”, prossegue o documento.

A mensagem admite que a situação do país em matéria laboral é “grave e de difícil solução”, frisando a importância de “potenciar as empresas para promover o trabalho”.

“Importante é promover uma cultura de justiça que dignifique empregadores e trabalhadores, que se concretiza pagando atempadamente a quem trabalha, o que contribui também para promover o emprego”, observa a CEP.

“A gravidade do problema é um urgente apelo à criatividade e à excelência profissional de trabalhadores e empresários, de governantes e forças sociais e políticas, na procura de novas propostas e paradigmas”, concluem os bispos.

“A ALEGRIA DO EVANGELHO”

Primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco apela à renovação das estruturas eclesiais e aborda os desafios de uma “nova etapa de Evangelização”.

“A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos.” (Exortação, nº 1)

O Papa Francisco publicou no passado dia 26 de Novembro a exortação apostólica, ‘Evangelii Gaudium’ (a alegria do Evangelho), primeiro documento do género escrito por si na totalidade, em que apresenta o projeto de uma “nova etapa de evangelização”, nos próximos anos.

“Espero que todas as comunidades se esforcem por implementar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão”, escreve, no documento divulgado pela Santa Sé.

O texto retoma as principais preocupações manifestadas pelo Papa desde o início do seu pontificado, após suceder a Bento XVI em março deste ano, e fala numa Igreja “em saída” e atenta às “periferias”, bem como a “novos âmbitos socioculturais”.

A exortação apostólica refere-se a uma “conversão do papado” e questiona uma “centralização excessiva” que complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária.

O texto desenvolve o tema do anúncio do Evangelho no mundo de hoje, recolhendo o contributo dos trabalhos do Sínodo que se realizou no Vaticano de 7 a 28 de outubro de 2012 com o tema ‘A nova evangelização para a transmissão da fé’.

Ao contrário do que é habitual, a exortação não se assume como ‘pós-sinodal’ por ultrapassar o âmbito específico tratado na última reunião de bispos católicos.

Francisco usa um “neologismo” para afirmar que os católicos “«primeireiam», tomam a iniciativa”, num “estado permanente de missão” para enfrentar os riscos da “tristeza individualista” no mundo de hoje.

Essa missão, acrescenta, origina “novas formas”, “métodos criativos”, uma “reforma das estruturas” e uma Igreja com “portas abertas”.

“A evangelização também implica um caminho de diálogo”, que abre a Igreja à colaboração com todas as realidades políticas, sociais, religiosas e culturais.



O Papa repete o desejo de “uma Igreja pobre”, “ferida e suja” após sair à rua, porque “uma fé autêntica – que nunca é cómoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores”.

“Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos”, adverte.

Francisco deixa várias indicações para o interior das comunidades católicas, alertando para um “pessimismo estéril” e para os que ficam “inflexivelmente fiéis a um certo estilo católico próprio do passado”.

A exortação sublinha a necessidade de fazer crescer a responsabilidade dos leigos, mantidos “à margem nas decisões” por um “excessivo clericalismo”, bem como a de “ampliar o espaço para uma presença feminina mais incisiva”.

O Papa denuncia o atual sistema económico, preso a um “mercado divinizado”, e lamenta os “ataques à liberdade religiosa”, em particular os casos de perseguição aos cristãos

Francisco deixa claro que a Igreja não vai mudar a sua posição na defesa da vida e pede ajuda para as vítimas de tráfico e de novas formas de escravidão.

O texto percorre 288 pontos, divididos em cinco capítulos, e conclui-se com uma oração a Maria, ‘Mãe da Evangelização’.

“O entusiasmo na evangelização funda-se nesta convicção: temos à disposição um tesouro de vida e de amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir”, escreve o Papa.